INTRODUÇÃO

PARA PENSAR SEM AMNÉSIA

O objetivo de entender a adolescência talvez soe pretensioso, e provavelmente o é, pois, como ela está em constante movimento, torna-se de difícil apreensão. A juventude sempre existiu, óbvio, mas, na modalidade em que a denominamos e compreendemos hoje – adolescência –, é um produto do século XX. Portanto, em termos históricos, trata-se de uma novidade que segue se desdobrando.

Em essência, a adolescência é um extenso espaço de tempo no qual ocorrem o desligamento da infância e a preparação para a vida adulta. Essa forma de categorizar a juventude se iniciou ao redor da Primeira Guerra, mas assumiu forma massiva no Ocidente após a Segunda Guerra, seguindo em vigência e tomando contornos cada vez mais amplos. Além de inventarmos essa fase da vida, nós a idealizamos, convictos de que seria o tempo de ouro da existência.

Bem-intencionados, pensamos estar dando um presente aos jovens, proporcionando-lhes umas férias antecipadas, prévias às exigências e responsabilidades que enfrentarão como adultos. Viver combinando as possibilidades de um corpo jovem, sexualmente amadurecido, com a continuação da despreocupação da infância parece um paraíso ao qual seus antepassados não tinham acesso. Pena que a maioria das memórias pessoais costume não catalogar assim a própria experiência adolescente.

Ainda estamos longe de entender todos os mecanismos sociais que foram delineando os contornos dessa etapa da vida. No entanto, nossa questão não é tentar explicar o que a engendrou, e sim os efeitos psíquicos dela em todos nós. Sabemos da dificuldade da tarefa, afinal, não é fácil examinar um assunto que está em desenvolvimento, não dá sinais de enfraquecimento ou declínio e que ainda navega praticamente sem críticas. Até reclamamos dos adolescentes, mas não da adolescência como uma novidade que poderia ser nefasta; ela nos parece natural e inevitável.

Como se trata de um campo de estudo ainda sem contornos claros, neste livro optamos por adotar um formato que suportasse uma visão mutante da adolescência, justamente por seu aspecto francamente histórico. Em vez de grandes definições, vamos tentar captar *flashes* de seus movimentos, tentando evitar conclusões datadas e preconceituosas, movidas pela ideia comum entre os adultos de que "bons tempos eram os nossos". Apesar do caráter provisório das conclusões, acreditamos que é possível construir algum conhecimento sobre o fenômeno. Se bem andamos na neblina, podemos ir juntos, discutindo caminhos e ajudando uns aos outros a lembrar e mapear os lugares pelos quais já passamos.

Este livro talvez dialogue com os amantes do cinema, mas certamente é mais útil para os que convivem com adolescentes e são por eles desafiados e questionados. Pais, familiares, professores, educadores, terapeutas, por exemplo, precisam de respostas para questões práticas que o adolescente coloca. A proposta não é apenas informar o que é a adolescência e quais são seus dilemas, mas também ativar a lembrança do que foi a adolescência de cada um, para, a partir daí, pensar. Assim, esperamos que esta leitura vá além dos usos profissionais, servindo para qualquer interessado em

entrar no túnel do tempo e voltar a paisagens marcantes de sua vida.

Se fizermos as pazes com a forma como nossa adolescência transcorreu, talvez seja mais fácil suportar ver filhos, alunos e pacientes lidando a seu modo com as questões da forma atual de ser jovem. Afinal, todos os adultos hoje interessados no tema viveram uma época em que a adolescência já era pressuposta como etapa da vida, embora com variações de costumes e intensidades.

É de grande ajuda compreender melhor as peculiaridades dessa jornada de deriva temporária, na qual muitos quase naufragamos. Para fazer essa viagem no tempo, é necessária alguma disposição para lembrar muitas coisas que a memória ajudou a maquiar e distorcer. Entraremos em contato com o pânico de quando não tínhamos a mínima ideia do que fazer conosco e com a vida; do quanto sofremos por amores ou pela rejeição dos pares; da imensa fragilidade da autoimagem; da relação de amor, ódio e desilusão com os pais; do olhar crítico dedicado aos adultos e das juras de "nunca ser como eles"; da dificuldade de diferenciar entre a coragem necessária e a perigosa impulsividade.

Muitas vezes, as preocupações com os jovens dizem mais de nós do que deles, pois é duro assistir à reprise das angústias pelas quais passamos. Tomados pelos nossos próprios fantasmas, não os ajudamos, ficamos apenas escutando ecos do passado, surdos ao que eles estão, de fato, dizendo. Em resumo, a questão crucial para ajudar os adolescentes é ter pensado e elaborado a própria adolescência. Sendo sinceros, não é fácil para ninguém, pois em poucos momentos estivemos tão próximos da desesperança e da loucura.

Para evitar uma posição doutoral, pouco empática com os adolescentes e seus adultos, fizemos o possível para escrever próximos do ponto de vista daqueles que fomos em um passado, afinal, nem tão distante. Talvez isso nos torne menos prescritivos, evitando vê-los de fora, como se fossem alienígenas. A questão não é propor o que fazer com "eles", mas pensar em como foi que lidaram conosco e no que conseguimos nos tornar a partir disso. Em outras palavras, como passamos por essa época e quais cicatrizes ainda são sensíveis. Não iremos contar nossas histórias de vida, mas pretendemos escrever e pensar sem esquecê-las.

Antes de tentar "domar" os jovens, ou aplacar a angústia com receitas, sugerimos o contrário: depurar e esclarecer a relação com nosso passado recente, para talvez, a partir daí, lidar com os que estão atravessando o período de modo um pouco menos sintomático. Somente essa posição de resgate da própria história impede de repetir os piores cacoetes dos adultos confrontados com aqueles que estão vivendo uma fase que já foi sua. Os adolescentes nos atualizam porque a juventude é algo que carregamos conosco para sempre, mesmo que por fora – infelizmente – pareça que não. A adolescência segue conosco porque dali provêm nossos sonhos, traumas, assombros e memórias de experiências inigualáveis.

NOSSOS ESPELHOS

Existe um conto do escritor italiano Giovanni Papini (1881-1956) que ilustra muito bem o modo como afogamos a memória da nossa adolescência e as razões pelas quais o fazemos. Na história *Duas imagens em um tanque*,[1] ele conta a viagem de um senhor para a cidade onde estudou. Com nostalgia, ele caminhava pelas ruas que um dia lhe foram familiares quando parou junto a um jardim semiabandonado que tanto apreciava na juventude. Lembrou que costumava ficar ali lendo até escurecer e usava a superfície da água da fonte como espelho, para contemplar-se.

Olhando-se, como costumava fazer, leva um susto ao ver outra imagem ao seu lado, de alguém muito parecido com ele. Com assombro, ambos descobrem ser o mesmo, apenas em momentos diferentes da vida: o atual e o jovem estudante do passado. Há um entusiasmo no encontro – começam a falar de assuntos que só eles conhecem,

riem, lembram, sentem-se afortunados pelo extraordinário da situação.

Os dois se veem mais algumas vezes, mas, à medida que os dias passam, o mais velho começa a impacientar-se com a ingenuidade do jovem. A impaciência torna-se exasperação: não suporta as falas teatrais, os gestos afetados, os interesses tão intensos por gente e assuntos que, hoje, para ele, são sem importância; as ilusões tolas sobre o mundo, a ignorância sobre quase tudo, os maus modos, a prepotência. Condena-lhe certa brutalidade egoísta, o raciocínio torto de um romantismo genérico que não diz nada. Enxerga o jovem como um balão de arrogância, inflado para contrabalançar sua tolice. Fica envergonhado ao constatar como era péssimo seu gosto para poesia e arte. Enfim, tudo nesse rapaz lhe produz repulsa.

Decide deixar a convivência, mas seu duplo mais jovem não entende essa atitude; pede e implora para não ser abandonado. Praticamente prende o mais velho na cidade, até que, em um gesto tresloucado, o eu do presente livra-se do eu do passado afogando-o nas mesmas águas onde se viram refletidos pela primeira vez.

É tocante esse conto. Revela que execramos nosso eu adolescente pelas mesmas razões do personagem de Papini. Não suportamos lembrar do quanto já fomos toscos, de como erramos conosco e com outras pessoas, como nos ferimos e machucamos outros por egoísmo e inexperiência. Se não conseguirmos elaborar o que vivemos quando éramos jovens, vamos seguir segurando essa cabeça embaixo d'água. Ideais e fantasias provenientes daquela época nos interrogam, fazem cobranças, geram lembranças, pois os sonhos abandonados são duros de encarar. O perigo é que, por causa dessas pendências com a própria juventude, possamos também afogar a relação com os adolescentes que nos circundam.

Qualquer espelho que encararmos depois de adultos pode se assemelhar ao tanque de Papini, pois a autoimagem mais duradoura é a juvenil. Não temos uma internalização da nossa aparência infantil; sua memória provém principalmente da fotografia. Criança não é de ficar se contemplando; quando pequenos, eram os outros que pousavam seus olhos sobre nós. Com a adolescência, chega o espelho, que é consultado e interrogado dia e noite, como se nele estivessem as respostas sobre o que somos e quanto valemos. A construção insegura e ansiosa de uma identidade ao longo dos anos jovens é toda encenada em frente ao espelho ou qualquer similar a ele, como, por exemplo, a obsessão em se autofotografar. Nele, treinamos as caras que faremos, assim como em algum momento pega-se um papel para criar para si uma assinatura. Graças a esse trabalho diário e exaustivo de construção de si, do qual nos ocupamos nessa época de muito tempo ocioso e almejado isolamento familiar, a imagem especular do nosso rosto juvenil será a assinatura visual que reconheceremos como um "eu" para o resto da vida.

Daí em diante, a cada encontro com o espelho, aquele "Dorian Gray interior" que possuímos, ainda virgem em sua beleza, desprezará a criatura marcada e pouco admirável que tomou seu lugar. Junto daquele olhar, assim como com o jovem do tanque, virão as fantasias e os ideais que o embalaram, as pretensões que não se justificaram e outras cobranças que nunca paramos de fazer. Além disso, apesar de a essa altura da maturidade já termos alcançado algumas respostas, muitas das pendências da época permanecem. Essas também aparecem a cada encontro com a imagem juvenil, e é doloroso descobrir que, depois de tanto esforço, ainda não nos livramos delas. Não há como deixar de lembrar que os filhos adolescentes costumam ser parecidos fisicamente com a imagem juvenil de seus pais; nessa ocasião, a encenação do conto se torna bastante literal.

QUANDO NÃO HOUVE ADOLESCÊNCIA

Existem pessoas que praticamente não tiveram adolescência, tal qual ela vai ser descrita, ou a tiveram por curto período. Em nossa clínica, vez por outra topamos com experiências assim. Por motivos particulares, como a orfandade precoce, uma doença grave na juventude, instabilidade psíquica dos pais, uma crise econômica familiar ou uma situação de pobreza extrema, essas pessoas foram projetadas na vida adulta ao modo antigo, quase sem degraus. Tornaram-se adultas subitamente e tiveram de dar conta disso. Afinal, adolescência é um luxo, é preciso que alguém pague por ela.

Por essas pessoas que pularam a fase, podemos ver que esse período não é imprescindível; elas são como as demais pessoas. A adolescência, nessa forma alongada como tem sido, não é uma etapa necessária, embora sua falta não seja sem consequências, do ponto de vista da subjetivação. Porém, o que pode ocorrer aos que não a tiveram é serem tocados por um ressentimento de que algo muito precioso da vida lhes foi negado. Como vivemos em uma sociedade que cultua as supostas maravilhas da adolescência, mesmo alguém que conquistou muitas coisas se sente como deficitário se não tiver usufruído dessa fase.

Além disso, aqueles a quem a vida obrigou a amadurecer cedo e sem escalas costumam ter problemas para entender e tolerar os movimentos desse jeito juvenil de ficar à deriva, especialmente nos filhos. Para eles, o livro pode servir como um guia nesse território que desconhecem, ajudando-os a ver que não perderam tanta coisa assim. Também, entre esses que não frequentaram o limbo adolescente, pode ocorrer o oposto: um fascínio pela etapa, na qual querem perpetuar os filhos, na qualidade de seus representantes, quando não a tornam uma espécie de clube do qual querem tornar-se membros vitalícios.

AS VÁRIAS ADOLESCÊNCIAS

Embora as adolescências pareçam diversas ao longo do tempo, tanto entre as sucessivas gerações quanto entre as circunstâncias culturais e econômicas de nascimento, a mudança é basicamente de cenário. Os dilemas vividos parecem ter alguns denominadores em comum: saber que tipo de pessoas são seus pais (ou substitutos), o que se herdou deles e como se apropriar disso. O impasse é o de como se tornar uma versão original a partir daquilo que nos foi legado; como sair do jugo e influência da família e inserir-se positivamente em sua geração; como iniciar a vida sexual e amorosa e como vencer em um mundo tão difícil de decifrar. Em resumo, para inventar sua história, os adolescentes precisam dar conta da história que os engendrou. Os exemplos deste livro enfocam adolescências de várias décadas e de diferentes contextos, mas acreditamos que ao final nos darão razão, de que o que está em jogo não é totalmente distinto.

O psicanalista inglês D. W. Winnicott dizia que o indivíduo passa pela adolescência, já a sociedade, não. Ela é um estado temporário em nossas vidas, mas tornou-se permanente no corpo social. Cada época terá de se confrontar com a presença inquietante dos novos ingressados nesse vagão chamado adolescência. Eles vão desembarcar em outra estação, mas o trem voltará a fazer seu trajeto e recolher mais passageiros. Já fomos como eles, e esse é certamente um dos trechos mais impactantes da nossa viagem.

Organizamos este livro como se fosse um curso, por temáticas, e, dentro desse espírito, escolhemos filmes que tinham potencial para representar determinada faceta da adolescência. Tentamos, sempre que possível, recorrer a obras a que muitos já assistiram, algumas delas consideradas clássicas, para tornar mais fácil a vida do leitor. Relativo a certos temas, há filmes que até seriam mais explícitos, mas, por serem menos conhecidos, parcamente divulgados ou distribuídos, poucos os têm

na lembrança ou poderiam vê-los de modo a aproveitar melhor o texto. De qualquer modo, não é nada mal refrescar a memória: contaremos resumidamente a história de cada filme, de modo que o efeito de o assistir se reatualize.

O que propomos é uma leitura autoanalítica do passado recente da juventude. Podemos falar das gerações que tivemos chance de testemunhar, tanto aquelas que inspiraram nossa própria adolescência quanto aquelas que se espelharam na nossa. Por estarmos lidando com um fenômeno recente, de parcas décadas, sabemos ser arriscada a missão de interpretar a juventude de ouro que entendemos por adolescência. Tememos que acabe sendo como aquelas biografias precoces de celebridades que nem sequer chegaram à maturidade, mas, inspirados nesse momento da vida ingenuamente ousado, tentaremos fazer nossa leitura do fenômeno.

Temos duas outras ambições. A primeira, que, ao término desta jornada, o leitor possa entender a adolescência menos como uma etapa cronológica da vida e mais como uma operação psíquica, no sentido de uma passagem ou uma travessia, para usar termos já consagrados por autores da área. Acreditamos que esses termos remetam ao mesmo: ao sentido de uma operação adolescente, ou seja, aquela na qual enfeixamos as linhas de força que se mobilizam para terminar de crescer e, ao final, tornar-se adulto. Entendemos que é um modo não natural nem necessário, que essa operação só faz sentido no nosso tempo, pois criamos essa faixa intermediária que é preciso percorrer, tornando mais longa a transição para a vida adulta. Fica tomado nessa operação apenas quem paga a prestações, e não à vista, o preço de se tornar adulto.

É sempre bom lembrar que, em sociedades pré-modernas, a transição entre criança não responsável e adulto de pleno direito era feita por um ou mais rituais de passagem. Isso não faz mais sentido, já que, na nossa sociedade de caráter individualista, esse processo não é mais social e externo. Agora, tornou-se subjetivo, portanto interno, mas o passado nos demonstra que se tornar adulto já foi bem mais simples e direto.

A infância mudou, ganhando um estatuto próprio, e tornamo-nos conscientes dos cuidados de que ela necessita. Hoje ninguém em sã consciência iria propor a volta ao sistema antigo, que seria considerado cruel aos nossos olhos. Com a adolescência, podemos fazer o mesmo paralelo: ninguém vai propor que voltemos a casar na puberdade, que comecemos a trabalhar sem trégua tão logo tenhamos força para tanto e que não existam treinos para a vida adulta. Porém, desconfiamos que possa existir uma certa alienação dos adolescentes causada pelo exagero em deixá-los tanto tempo alheios às responsabilidades da vida, ou, nas palavras de Erik Erikson, que melhor descreveu esse fenômeno, por ficarem presos em um longo período de "moratória". O termo, de origem jurídica, é ótimo: reconhece que existe uma dívida, mas ela só será cobrada mais adiante. Por um tempo, ninguém lhes pedirá nada no que se refere a produção e organização do mundo. É como se fosse uma época de turismo antes de encarar a dureza da vida.

Poderíamos, inclusive, deixar em aberto a possibilidade de alguns dos problemas adolescentes serem provenientes da própria criação da adolescência, principalmente quando ela se caracteriza por um eterno adiamento da condição de adulto. A criação de uma adolescência interminável, arrastada, é também fruto da resistência em nos considerarmos adultos. Às vezes, pode-se brincar que adultos estariam se tornando uma raça em extinção, pois é grande a tentação de deixar uma porta permanentemente aberta para as possibilidades adolescentes. Isso pode ser até uma opção, mas essa idealização da adolescência não ajuda quem está querendo e precisando crescer.

Compreendendo a adolescência como um processo, uma operação psíquica que nos separa dos pais para que se possa viver como um adulto

autônomo, os parâmetros que fixam idades próprias para cada modo de ser ficam sem tanta importância. Assim fica mais fácil compreender que isso possa levar muito tempo e ter brotes inesperados em outros momentos da vida. Adolescer é purgar a infância, mas nossa criança interior nunca nos abandona totalmente.

A segunda ambição é que abandonemos a terminologia habitual associada ao tema da adolescência que é frequentemente colorida com tintas de catástrofe: luto, crise, desestruturação e outras palavras que lembram tempestade e tormenta são moeda corrente nos escritos sobre o tema. Em certa ocasião, em um debate com jovens, uma garota disse: *– Eu não sei por que vocês, adultos, estão sempre falando de crise, eu não me sinto em crise, estou fazendo as minhas coisas. Vocês, que não param de falar nisso, é que devem estar em crise.* Muitas vezes, é verdade. Em respeito ao caráter interpretativo da interpelação pública que essa jovem fez aos profissionais presentes, tentaremos apresentar uma visão menos apocalíptica desse período da vida.

Existe um filme, já que estamos no tema, que é o melhor exemplo dessa visão hiperbólica dos problemas adolescentes: trata-se de *Kids* (1995), dirigido por Larry Clark. A obra mostra um dia de um grupo de adolescentes nova-iorquinos regado a sexo promíscuo – tendo como pano de fundo a contaminação por aids –, uso de várias drogas, violência gratuita e outras insanidades menores. A questão é que, quando o filme saiu, foi considerado um retrato da juventude urbana dos anos noventa. Não que o filme seja inverossímil, mas força a barra. No entanto, essa equação de que um recorte do pior quadro seja considerado o retrato da média acompanha a adolescência desde sua origem.

A tendência é que nossas memórias juvenis acabem sendo editadas, maquiadas. Para driblar esse efeito, tentamos escrever de forma a despertar as evocações pessoais do leitor adulto. Não é a velhice a primeira a afetar nossas memórias, é a tendência a contar nossa própria história do modo que mais nos convém. Talvez essa abordagem, que tornaremos o mais tocante possível, abra caminho para uma visão menos pesada e ao mesmo tempo menos idealizada do que se viveu. Retirada a maquiagem de nossas memórias, elas se tornam a melhor chance de pensar sem a tendência a transformar tudo em patologia ou problema social que persegue a adolescência. Afinal, se estamos aqui juntos, escritores e leitor, é porque conseguimos atravessar e sobreviver a nossa própria adolescência. Sabemos bem o trabalho que deu para chegar até aqui.

NOTA

1. PAPINI, G. *El piloto ciego*. Madrid: Hyspamerica Ediciones S.A.